

Musical celebra os 115 anos de Carmen Miranda

PÁGINA 3



Lenny Kravitz lança seu 12º álbum de estúdio

PÁGINA 4



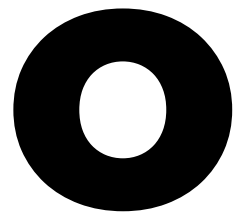
Confira alguns destaques do pós-Festival de Cannes

PÁGINA 6



2º CADERNO

Começa nesta terça (28) a Mostra de Teatro do Presença Festival com espetáculos no palco do Cesgranrio



Presença Festival está de volta para sua terceira edição oficial e traz uma explosão de cultura, música e representatividade para a cidade.

Conhecido pela pluralidade nas artes e cultura, o festival reafirma o compromisso com a diversidade, destacando a potência da comunidade LGBTQIAPN+ e promovendo a inclusão e a igualdade em todas as formas artísticas.

Para a abertura oficial do evento, a partir desta terça-feira (28), de maio, será realizada uma Mostra de Teatro, apresentada pela Shell e totalmente gratuita, que reúne no Teatro Cesgranrio três espetáculos premiadíssimos e importantes para a cena cultural brasileira, com atores e diretores renomados, que trazem olhar diferenciado para temas como inclusão e diversidade: “Angu”, “Meu Corpo Está Aqui” e “Dos Nossos para os Nossos”.

“O Presença cresceu, o festival amadureceu e trouxemos nesta edição um olhar especial de valorização para as sonoridades brasileiras. São artistas que fazem parte da comunidade LGBTQIAPN+ ou que são comprometidas com a nossa causa. O festival cada vez mais valoriza essas camadas que a diversidade tem e o debate é interseccional, com o objetivo dar visibilidade e reconhecimento a mulheres, pessoas da comunidade LGBTQIAPN+, pessoas pretas, PcDs (Pessoas com Deficiências) ou de povos



Divulgação

A Cultura se faz PRESENTE!

Angu

originários através da arte e cultura”, afirma o publicitário e produtor cultural José Menna Barreto, idealizador, diretor artístico e curador do evento.

“Um dos pilares para escolha de nossos patrocínios culturais é o projeto englobar di-

versidade, equidade e inclusão como atributos centrais nas suas ações. O Presença Festival cria espaços de visibilidade para artistas que compõe grupos minoritários, estando alinhados com um dos compromissos da companhia com a sociedade: o de promover

um futuro melhor através da arte, acreditando, assim como a Shell, na força da cultura como vetor transformador de realidades”, comenta Alexandra Siqueira, Gerente de Comunicação Externa da Shell Brasil.

Continua na página seguinte

“**A**ngu” aborda histórias vivenciadas por pessoas negras gays – ou “bixas pretas”, buscando subverter o olhar social fetichista que as objetifica, criminaliza e hiperssexualiza, em meio à celebração da vida. A autoria é do escritor Rodrigo França, que também assume a direção da peça, indicada duas vezes ao 34º Prêmio Shell de Teatro.

A ideia do espetáculo nasceu da vontade de falar sobre liberdade e sobre as pessoas que só desejam ser felizes, mas são impedidas porque a busca dessa felicidade tem a ver com liberdade de ser o que se é.

No elenco, Alexandre Paz e João Mabial se revezam em personagens diversos, como um sargento da Polícia Militar que honra a sua farda, mas tem a sua sexualidade como alvo de piadas; um jovem estudante de enfermagem que se deslumbra com a classe média branca e deseja ser por ela incluído; o sonhador que se envolve numa tarde de amor; o menino encantado com o que dizem do seu tio Gilberto, um homem negro gay que desapareceu no mundo para fazer a sua arte longe da família homofóbica; e Madame Satã, transformista que teve que largar a arte para viver à margem como malandro da Lapa. Também faz uma homenagem ao Les Étoiles, icônica dupla queer negra brasileira que abriu as portas da Europa para a MPB.

“Retratamos pessoas que só desejam ser o que realmente são. Mesmo ficcionais, são vidas expostas colocando as nuances e subjetividades necessárias, para buscar a humanidade. Que ‘Angu’ nos alimente de reflexões e nos fortaleça de axé”, afirma Rodrigo França, que atualmente participa do programa Sem Censura, da TV Brasil, e dirigiu a série Humor Negro, transmitida na Globoplay e no Multishow.

A segunda peça de destaque no evento é “Meu Corpo Está Aqui”, que parte das experiências pessoais de quatro atrizes e atores PCDs (pessoas com deficiência)



Meu Corpo Está Aqui

Protagonismo para os excluídos



Dos Nossos para os Nossos

para abordar suas descobertas afetivas e sexuais e os obstáculos encontrados nesta jornada. Em cena, o elenco, formado por Bruno Ramos, Haonê Thinar, Juliana Caldas e Pedro Fernandes, fala abertamente sobre relacionamentos, corpos e desejos por meio de

depoimentos ficcionalizados pelas artistas cariocas Julia Spadaccini, autora e idealizadora do projeto e também pessoa com deficiência auditiva, e Clara Kutner, que assume a função de diretora. Questionando com ironia e lirismo concepções culturais e históricas

a respeito do que é considerado “normal”, o espetáculo celebra estes corpos invisibilizados socialmente e aprofunda as reflexões sobre suas subjetividades.

“Ser uma autora PCD e estar num projeto onde todos em cena também são, e uma vivência

de vasta inclusão. Precisamos de PCDs protagonizando filmes, peças, programas de TV e não com a invisibilidade que acomete o corpo com deficiência, seus desejos, amores e sexualidade”, ressalta Julia. “Queremos levantar questões e embaralhar a lógica da eficiência. Para mim, é uma peça desejo-manifesto onde os atores se misturam, se embolam, celebram seus corpos, com algumas histórias tristes, uma dose alta de ironia e muitas perguntas que não temos como responder”, completa Clara, que também já atuou na direção de novelas como Um Lugar ao Sol, da TV Globo.

E, para encerrar o evento, um espetáculo teatral interativo, importantíssimo para a cena cultural carioca, “Dos Nossos para os Nossos”, que resgata e valoriza a identidade da cultura preta brasileira e sua ancestralidade.

O trabalho nasceu a partir da esquete teatral de mesmo nome criada pelos artistas e idealizadores do projeto, Êlme e Patrick Congo, que trabalham como atores da peça, ao lado de Leandro Guedes, Leona Kalí, Rafael Rougues e Standin Vanu Rodrigues.

Ao ressaltar a cultura preta, a peça também faz referência a grandes personalidades da história. A partir de um jogo cênico com projeções, clipes, músicas e coreografias, o espetáculo se apresenta também como um manifesto antirracista que conta a história desses corpos ancestrais, na figura de dois reis, que questionam sua civilização atual e suas mazelas. “Queremos que as pessoas saiam enaltecidas e empretecidas. Sim, empretecer é preciso. O Brasil é preto”, ressalta o diretor Tiago Ribeiro.

SERVIÇO

MOSTRA DE TEATRO DO PRESENÇA FESTIVAL

Teatro Cesgranrio (Rua Santa Alexandrina, 1011 – Rio Comprido)
28 e 29/5, às 20h: “Angu”
30 e 31/5, às 20h: “Meu Corpo Está Aqui”
1 e 2/6, às 19h e 18h, respectivamente: “Dos Nossos para os Nossos”

Silvia Machado/Divulgação

Thiago Santos/Divulgação

Não é fácil ser Carmen Miranda

Musical que fará curta temporada nos Sesi Duque e Caxias e Jacarepaguá faz recorte de episódio que deixou a Pequena Notável traumatizada

Comemorando os 115 anos do nascimento da cantora e atriz Carmen Miranda em 2024, a atriz, cantora, diretora e bailarina Renata Ricci protagoniza o musical “Carmen Miranda – Pra Você Gostar de Mim”. O espetáculo tem direção de Celso Correia Lopes, direção musical de Reinaldo Sanches e texto de Guilherme Gonzalez.

A montagem fará seis apresentações no Rio. As duas primeiras ocorrerão no Teatro Firjan Sesi Caxias neste fim de semana (1 e 2) e as outras quatro nos dias 8, 9, 15 e 16 no Teatro Firjan Sesi Jacarepaguá.

O espetáculo narra um recorte na vida de Carmen Miranda, a Pequena Notável, quando, já consagrada como uma das principais personalidades brasileiras nos Estados Unidos, retornou para um show no Brasil, no Cassino da Urca.

Ao ser recebida pela elite carioca, ligada ao movimento integralista, ultranacionalista, a cantora foi vaiada por ter supostamente “se vendido ao governo americano.”

Sem saber deste contexto, a artista entrou numa fase de tristeza profunda. E é desse diálogo interior travado pela artista consigo mesma que surge o espetáculo, que mostra como teria sido a reação de Carmen

no camarim do Cassino da Urca.

No musical “Carmen Miranda – Pra Você Gostar de Mim”, Renata Ricci canta sucessos da cantora como “O Que é Que a Baiana Tem?”, “Tic-Tac do Coração”, “Camisa Listrada”, “Adeus Batucada”, “Tico-Tico no Fubá”, “Disseram que Voltei Americanizada”, “In South American Way”, “Na Baixa do Sapateiro” e “Cantoras do Rádio”.

Carmen Miranda nasceu Maria do Carmo Miranda da Cunha. Era a segunda filha de seis irmãos, nasceu na cidade de Marco de Canaveses, na região norte de Portugal, e com um ano de idade veio para o Brasil com sua família. É considerada por muitos a artista brasileira com maior projeção no exterior.

Trabalhou no rádio, no teatro de revista, no cinema e na televisão. Fez carreira tanto aqui, como nos Estados Unidos. Apelidada de pelos estadunidenses de “Brazilian Bombshell”, Carmem era conhecida por seus exóticos figurinos e chapéu com frutas que ela costumava usar em seus filmes em Hollywood, que fez deles sua marca registrada.

Ainda jovem, ela aprendeu a fazer chapéus em uma boutique antes de gravar seu primeiro álbum com o compositor Josué de Barros em 1929. A gravação de Ta-hí (Pra Você Gostar De Mim), escrita por

Joubert de Carvalho, a levou ao estrelato no Brasil como a principal intérprete do samba na década de 1930. Na época ela se tornou a primeira artista a assinar um contrato de trabalho com uma emissora de rádio no país.

Seu crescente sucesso na indústria fonográfica lhe garantiu um lugar nos primeiros filmes sonoros lançados nos anos 1930. Carmen participou de cinco musicais carnavalescos lançados nesse período como “Alô, Alô, Brasil” (1935) e

“Alô, Alô, Carnaval” (1936). Em 1939, ela apareceu pela primeira vez caracterizada de baiana, personagem que a lançou internacionalmente, no filme Banana da Terra, dirigido por Ruy Costa. O musical apresentava clássicos como “O Que é Que a Baiana Tem?”, que lançou Dorival Caymmi no cinema.

Participou de 21 filmes, gravou 279 canções no Brasil e 34 lá. Foi a primeira sul-americana a ser homenageada com uma estrela na Calçada da Fama de Hollywood.



Renata Ricci dá vida à Pequena Notável no palco

SERVIÇO

CARMEN MIRANDA - PRA VOCÊ GOSTAR DE MIM

1 e 2/6, às 20h e 19h, respectivamente: Teatro Firjan Sesi Caxias (Rua Arthur Neiva, 100 – 25 de Agosto) De 8 a 16/6, aos sábados (20h) e domingos (19h): Teatro Firjan Jacarepaguá. (Av. Geremário Dantas, 940 – Jacarepaguá) Ingressos: R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

CORREIO CULTURAL

Lenny Kravitz
desafia o tempo

Divulgação

Daniel Lemos e Douglas Malharo

Douglas Malharo e Daniel Lemos
abrem giro nacional no Rio

O compositor, produtor fonográfico e multi-instrumentista mineiro Douglas Malharo se uniu ao também compositor, cantor e produtor musical Daniel Lemos, para uma turnê de seis shows pelo Brasil. Nesta terça-feira (28) eles se apresentaram no Teatro Brigitte Blair no Rio.

A turnê BahUai já passou por

Fortaleza e Belo Horizonte e os shows de Porto Alegre e Recife foram adiados por conta da tragédia na região Sul.

No show, Douglas e Daniel terão momentos solo e também apresentarão músicas juntos mostrando a versatilidade de seus repertórios autorais e releituras de canções conhecidas nacionalmente.

Música no Museu

Formado por Adriana Ballestre e Maria Lúcia, o Duo Madri de Violões se apresenta nesta terça-feira (28), às 18h30, no Museu do Exército, no Forte Copacabana dentro do Projeto Música no Museu. No repertório, clássicos brasileiros. Entrada franca.

Volta aos palcos

Após um longo período dedicado à música e ao audiovisual, Silvero Pereira volta aos palcos em "Pequeno Monstro", montagem, dirigida por Andreia Pires e que estreia nesta quinta-feira (30) no Teatro Poeira, em Botafogo.

The Boss em pausa

O adiamento do show que Bruce Springsteen faria no sábado (25), em Marselha (França) pode ter sido o primeiro de uma série em função de problemáticas nas cordas vocais. Mais três apresentações do cantor de 74 anos serão reagendadas.

Família na bronca

Já em pré-produção, o remake de "Vale Tudo" é a menina dos olhos da Globo para 2025. Mas quem não está gostando nem um pouco dessa história é o arquiteto Edgar Moura Brasil, viúvo de Gilberto Braga (1945-2021), autor da trama original.

Multiartista premiado mostra obra atemporal em seu 12º disco de estúdio

Um dos maiores nomes do rock últimas décadas, Lenny Kravitz lança seu novo álbum "Blue Electric Light", antecipado pelos singles "TK421" (que acumula mais de 5 milhões de streams e mais de 6 milhões de visualizações com seu videoclipe no Youtube), "Human" (atualmente em rotação nas rádios brasileiras) e a faixa-foco "Paralyzed", lançada no último dia 20.

Gravado no estúdio do músico nas Bahamas, "Blue Electric Light" mantém uma das características clássicas da discografia do artista: ele tocou e gravou quase todos os instrumentos, contando com poucos colaboradores, como o guitarrista Craig Ross, que o acompanha há décadas.

Combinando a energia do rock com o groove da soul music e elementos psicodélicos, o novo disco foi descrito pela crítica internacional como "atemporal, explosivo, romântico e inspirador".

Nunca me senti mais jovem do que agora. Mentalmente, fisicamente e espiritualmente, nunca me senti melhor na vida. Mas, sim, eu não tenho mais 20 anos. Acontece que não importa qual idade tenha, você não sabe quantos dias te restam. Então, temos que viver cada dia como se fosse o último", disse Kravitz recentemente.

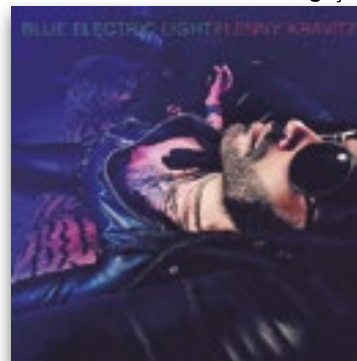
Para o artista, é difícil escolher canções para destacar neste novo trabalho. "Eu faço álbuns, é isso que eu faço. Eu tenho certeza de que é o que sempre farei. Eu acredito no álbum. É uma obra fechada. É uma

Mark Selig/Divulgação



Lenny Kravitz em imagem de divulgação de 'Blue Electric Light', seu mais novo álbum

Divulgação



coleção de músicas que trata de um momento. E, para mim, precisa de várias músicas para contar uma história", explica ele, que diz ter paixão pela experiência de ouvir música dessa forma.

Cantor, compositor, produtor, ator, designer e ícone da moda, o rockstar vive um ótimo momento na carreira: somente em 2024, Lenny foi imortalizado com uma estrela na Calçada da Fama, em Hollywood, e recebeu um Global

Impact Award da Recording Academy, que foi entregue pouco antes do Grammy deste ano.

Kravitz também foi indicado ao Globo de Ouro de Melhor Trilha Sonora original com a música "Road to Freedom", do longa-metragem Rustin (Netflix).

O artista também fará o show de abertura da grande final da UEFA Champions League, no icônico estádio de Wembley, neste sábado (1). A apresentação será transmitida ao vivo em mais de 200 países e também no canal do YouTube da UEFA.

Com mais de 30 anos de carreira e 40 milhões de discos vendidos ao redor do mundo, Lenny Kravitz ganhou quatro prêmios Grammy consecutivos, além de estabelecer o recorde de mais vitórias na categoria "Melhor Performance Vocal de Rock Masculino".

Vídeo enigmático gera rumores sobre volta do Oasis

Postagem misteriosa nas redes deixa fãs em rebuliço e não faltam especulações sobre retorno da banda britânica, que acabou em 2009

Por **Affonso Nunes**

Fãs da banda Oasis pelo mundo ficaram eufóricos nos últimos dias depois que o grupo britânico publicou um vídeo em suas redes sociais. Na gravação, que tem 14 segundos, é possível ver uma casa em meio a uma grande área verde.

Alguns seguidores especulam que as imagens aéreas mostram o Sawmills Studio, na Cornualha, onde o Oasis gravou seu álbum de estreia, o aclamado “Definitely Maybe”, de 1994, que vendeu 800 mil cópias apenas no Reino Unido na primeira semana de lança-

mento. O trabalho reúne canções clássicas da banda até hoje como “Live Forever”, “Supersonic” e “Cigarettes & Alcohol”.

Depois da publicação, os fãs começaram a alimentar expectativas de um possível retorno da banda, que se separou de forma turbulenta em 2009.

“Uma turnê mundial, um single novo e já vai valer muito a pena! Tá na hora de uma reunião hein!”, escreveu um internauta. “Aguardando o retorno da melhor banda do mundo!”, reagiu outro.

Mas a maioria dos seguidores está propensa a acreditar que a banda deva mesmo é lançar uma reedição do disco “Definitely Maybe”



Brigados desde 2009, Liam (de óculos) e Noel têm longo histórico de provocações mútuas desde a época que estavam juntos no Oasis

para comemorar os 30 anos de seu lançamento. Apesar disso, uma turnê com a formação original do grupo parece pouco provável.

Isso porque os irmãos Noel Gallagher (guitarra) e Liam Gallagher (vocal), criadores da banda, são brigados e se alfinetam com frequência. No ano passado, Liam anunciou que fará uma turnê para celebrar

os 30 anos de “Definitely Maybe”, mas sem a participação do irmão.

Desde o fim do Oasis, os dois talentosos (e briguentos) irmãos seguem carreiras solas com relativo destaque, mas sem o brilho do Oasis, que nasceu na cidade industrial de Manchester em 1991, em meio ao movimento Britpop, que revitalizou o rock britânico na década de 1990. Liam e Noel logo se destacaram na cena mundial por sua sonoridade inspirada em clássicos do rock inglês como The Beatles, Rolling Stones e The Kinks, combinando com uma atitude rebelde e contestadora.

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Anseios de amor

Formado por André Moreno e Dito Bruzugú, o duo Festim lançam nesta quarta-feira (29) o seu primeiro single autoral nas plataformas, “Resgate”, uma romântica música que fala sobre anseios amorosos em um momento conturbado. A faixa tem produção musical de Luã Yvys e é a primeira do EP autoral “Bipolar”, de sete faixas que sairá ainda este ano, com as luxuosas participações de Ney Matogrosso e Elba Ramalho. O Festim produz um som repleto de brasilidades. A coluna ouviu “Resgate” e recomenda a canção.

Divulgação



Pan Alves/Divulgação



Baseada em fatos reais

A banda Oruá lançará em julho seu novo álbum, “Passe”. O single “Real Grandeza” antecipa o trabalho. “A canção foi composta na fase em que moramos juntos em Búzios. Nessa época minha inspiração para letra foi alguns eventos reais. Basicamente o caso de um assaltante branco de olhos verdes que invadia casas de pessoas muito ricas para roubar. Ele passava muito impune pela aparência nada dentro dos padrões no Brasil”, conta Lê Almeida (vocal/guitarra), que forma a banda com Phill Fernandes (bateria), João Casaes (sintetizadores) e Bigú Medine (baixo).

Divulgação



Inspiração fashion

Projeto misterioso e performático que une música pop e ficção científica, Paradise Guerrilla é uma banda formada por dois seres interdimensionais, Frankstation e U.F.O., e uma terráquea, Starlight. Essa formação misteriosa antecipa os ambiciosos objetivos do projeto: explorar sons novos como quem desafia o desconhecido. Unindo a realeza do pop dos anos 80, tons de disco, sonoridades do começo dos anos 2000 e uma postura rock, eles lançam “Superbaby”, seu novo single. O single ganha um clipe focado na performance de Starlight e com impacto visual e fashionista.



Vivre, Mourir, Renaître



Motel Destino



La Prisonnière de Bordeaux

Ecoss da Palma

Cannes deixa como rescaldo promessas de sucesso de público e crítica e especulações para a próxima leva de festivais



Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Deu Sean Baker, e seu conto de fadas ao revês “Anora”, na briga pela Palma de Ouro de 2024, o que põe Cannes como um termômetro do que acontecerá nos próximos meses na indústria do audiovisual, além de ter revelado alguns achados nos 45 minutos do tempo regulamentar de sua maratona cinéfila.

Produções francesas tiveram especial destaque, como é o caso da nova versão de “O Conde de Monte Cristo”, rodada por Mat-



Le procès Du Chien

thieu Delaporte e Alexandre De La Patellière, e estrelada por Pierre Niney. Também da França chama atenção “Le Procès Du Chien”, de Latitia Dosch, sobre uma advogada que defende um cãozinho acusado de morder três pessoas. Das vitórias demarcadas pelo

júri presidido por Greta Gerwig, a conquista do prêmio de Melhor Direção por Miguel Gomes, com “Grand Tour”, abre novas prerrogativas para o cinema português.

Vencedor de uma láurea coletiva dada a suas atrizes e do Prêmio do Júri, o musical

“Emilia Pérez” sai da Croisette candidato a blockbuster nas bilheteiras, narrando a saga de um chefão de um cartel do México que transiciona de gênero.

Para o Brasil, a boa acolhida a “Motel Destino” amplia a grife autoral de Karim Aïnouz. No longa, um jovem ligado ao crime (Iago Xavier) vai viver um triângulo de prazer e fúria com os gerentes de uma hospedaria de estrada no litoral cearense.

Confira a seguir como o festival já vem ecoando sobre a classe cinematográfica.

Alguns achados

Na retina final de Cannes, antes de a competição oficial terminar, alguns filmes egressos de mostras paralelas ganharam espaço nobre nas retinas da Croisette. O principal deles foi “Vivre, Mourir, Renaître”, de Gaël Morel, um melodrama descabelado e descabelante. Nele vemos uma ciranda amorosa assombrada pelo HIV. Nos anos 1990, o condutor de trem Sammy (Theo Christine), casado com Emma (Lou Lampos), vai se apaixonar pelo fotógrafo Cyril (Victor Belmondo), que é soropositivo. A relação entre o trio gravita da doçura ao medo, sempre com laços de aliança.

Na Quinzena de Cineastas, reverberou muito (e bem) “La Prisonnière De Bordeaux”, de Patricia Mazuy. É um ensaio sobre alteridade no bastidor do universo carcerário. Duas mulheres de classes sociais diferentes, Mina (Hafsia Herzi) e Alma (Isabelle Huppert), vão formar uma aliança conforme visitam seus companheiros numa prisão.

No terreno do suspense, Cannes saiu eletrizado do thriller “The Surfer”, de Lorcan Finnegan, com Nicolas Cage pegando onda – ou tentando. É a saga de um homem sem nome, fracassado em vários aspectos de sua vida, que sonha surfar na Austrália de sua infância. Mas um grupo de valentões vai impedi-lo.

Lucas Gontijo de Godoy/Divulgação

Volta de Walter Salles na mira dos próximos festivais

Terminado Cannes, o primeiro grande festival de cinema é o Éden das animações, Annecy, que vai de 9 a 15 de junho e conta com o Brasil em concurso, na mostra Contracampo, com “Our Crazy Love”, de Nelson Botter Jr.

Na sequência, em agosto, vem Locarno, que pode ter o novo filme de Terence Malick, “The Way Of The Wind”, em sua com-

petição. Estima-se que Walter Salles possa ir a Veneza, Toronto ou San Sebastián com “Ainda Estou Aqui”, drama baseado em romance biográfico de Marcelo Rubens Paiva.

É a volta (com pompas) do diretor de “Central do Brasil” (Urso de Ouro de 1998) à ficção. Outro longa brasileiro que pode correr mundo no segundo semestre é “Malês”, de Antônio Pitanga. (R.F.)



Salles, com seu nova longa, é presença aguardada em Veneza

CRÍTICA / FILME / O FOGO INTERIOR: RÉQUIEM PARA KATIA E MAURICE KRAFFT

Divulgação

Por Inácio Araújo (Folhapress)

Werner Herzog é o mais germânico dos diretores alemães de cinema. Seus filmes estão repletos de perigo e aventuras radicais, que se passam quase sempre fora da Alemanha. A estranheza do mundo chama sua atenção com frequência e um dos fenômenos que mais parece fasciná-lo são os vulcões.

Nada estranho, portanto, que faça um filme chamado “O Fogo Interior”, em homenagem ao casal Katia e Maurice Krafft, que dedicaram a vida a estudar e filmar vulcões. Ambos morreram durante a erupção do vulcão do monte Ulzen no Japão, em 1991.

Seu objetivo, ao perseguir e filmar vulcões, era usar essas imagens para alertar do enorme perigo que representam os vulcões. Anos antes, estiveram durante a erupção do Nevado del Ruiz, Colômbia, onde morreram 23 mil pessoas, fora os animais. Tentaram alertar para a necessidade de evacuar a cidade, mas não foram ouvidos.

Talvez não fosse um capricho dos governantes. Erupções vulcânicas são, dizem, fenômenos até certo ponto imprevisíveis. Mesmo os cientistas não conhecem os vulcões e seus caprichos em toda sua extensão.

Os filmes dos Krafft podem ser vistos como um alerta para o enorme perigo representado pelos fenômenos que estudavam - essa era sua intenção explícita. Mas a homenagem que lhes faz Herzog não é dessa ordem.

Trata-se de por em relevo o fogo interior do casal apaixonado pelo estudo dos vulcões. Mais do que os vulcões, o que fascina o cineasta é a maneira obsessiva como se comportam diante deles, quase como se quisessem se enfiar ali para melhor conhecê-los. A aventura e o risco, a busca da vida intensa pela busca dos extremos.



Celebração de uma paixão ardente

Divulgação



Acima, cena do filme 'O Fogo Interior: Réquiem para Katia e Maurice Krafft', de Werner Herzog

Porque esse fogo interior dos Krafft duplica-se no fogo interior da Terra, o mover-se dos elementos, a explosão de lava. É como se, sugere Herzog, eles quisessem entrar no inferno para enfrentar o demônio.

No entanto, o fascínio de Herzog é também pelo fenômeno estético. Quase todo o documentário é composto de imagens feitas por Katia e Maurice, e Herzog deixa-se fascinar pelas imagens a um tempo terríveis e fascinantes, e belas também das explosões, da fumaça, da lava, da fora incontrolável que jorra de dentro da Terra.

Essa homenagem também diz respeito ao cinema. O próprio Herzog esteve pessoalmente em Guadalupe, espreitando o vulcão La Souffrière, décadas atrás. Deu num belo curta-metragem, embora não pudesse rivalizar com os Krafft na filmagem da erupção propriamente dita.

Para quem não tem um fascínio especial pela contemplação do fogo que vem da Terra, um curta ou média-metragem daria bem conta da homenagem ao casal e também do fascínio pela beleza demoníaca (e assassina) das lavas.

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Centrado nos ideias humanistas de 1789 na França, “Égalite” é o nome do segundo tomo da saga “Révolution”, da dupla Florent Grouazel e Younn Locard, um dos quadrinhos de maior procura nas livrarias europeias este mês, revivendo em ilustrações deslumbrantes uma era de transcendência política sob o fio da guilhotina. Premiada no Festival de Angoulême, espécie de Cannes dos gibis, a trilogia acerca dos feitos de Robespierre, Danton e Marat é um dos álbuns que têm mobilizado quadrinhófilos cujo alvo são as BDs. Banda Desenhada é o nome que se usa no Velho Mundo pra definir álbuns gráficos em quadrinhos, de luxo, em capa dura, que optam por narrativas de gênero (fantasia, sci-fi, faroeste) ou por aulas de História (cheias de poesia) mas trilham caminhos que fogem do maniqueísmo. Nos EUA, quem dá as cartas nesse mercado é a Marvel e a DC. Mas, na França, quem gira a roda são tramas adultas, calcadas em temas políticos, que dissecam mitos e biografam artistas. Eis as BDs mais procuradas.

UNDERTAKER: Leitores franceses hoje se rasgam pelo nº 7 dessa série de faroeste, repleta de adrenalina, escrita por Xavier Dorison e desenhada por Ralph Meyer. Os dois narram os mil perigos que cercam Jonas Crow, um ex-soldado da Guerra de Secessão que troca a farda pelo uniforme de agente funerário itinerante. Cada caixão seu é repleto de pólvora.

LES FILLES DES MARINS PERDUS: Escrito por Teresa Radice e desenhado por Stefano Turconi, sob as rédeas da editora Glénat, este magistral painel de época assume como protagonistas as prostitutas do Pilar, um bordel para marinheiros em Plymouth. Mulheres empoderadas dão um nó no desejo alheio enquanto nos contam a história de um amante nada exemplar.

LADIES WITH GUNS: Amparada pelo espírito da equidade de gêneros e da luta antixista, Anlor, pseudônimo da desenhista Anne-Laure Bizot, cria em parceria com o roteirista Bocquet Olivier um faroeste regado a feminismo, em que cinco mulheres de origens distintas vão lutar contra as intempéries do Oeste Selvagem. É a Ed. Dargaud que publica lá fora.



Mexicana



Undertaker



Indians!

BDmania

O mapa da mina das histórias em quadrinhos na França em 2023

Fotos/Divulgação



Révolution



Arca

GINETTE KOLINKA - RÉCIT D'UNE RESCAPÉE D'AUSCHWITZ-BIRKENAU: Aos 97 anos, uma das mais famosas sobreviventes dos expurgos nazistas de judeus em campos de concentração tem sua história passada em revista, em forma de HQ (ou melhor, BD), no traço finíssimo de Aurore D'Hondt. Numa mirada memorialista, ela encara os horrores do Holocausto.

ARCA: Linkado à tradição da sci-fi francesa - que deu ao cinema cults como “O Quinto Elemento” -, o roteiro de Romain Benassaya é uma aula de tensão, galvanizada pela arte de Joan Urgell. Na trama, o astronauta Eric Rives acorda de uma longa viagem em uma nave espacial que deveria levá-lo e aos outros passageiros para a Garra do Leão - a terra prometida onde esperam encontrar melhores condições de vida do que na órbita da Terra, combalida em seus recursos naturais. Mas a tripulação logo percebe que não chegou ao seu destino.

INDIANS!: A partir de um projeto de revisionismo histórico de Tiburce Oger, iniciado em 2021, esta série da editora Grand Angle reconstitui a luta pela sobrevivência de populações indígenas americanas entre 1540 e o início do século XX. Um episódio em 1823 é um dos ápices de ação da saga, desenhada por uma tropa de ilustradores, como os célebres Boucq e Blanc-Dumont.

MEXICANA: Digna de um bom filme dos irmãos Coen, à la “Onde os Fracos Não Têm Vez”, esta coletânea policial é assinada pelo roteirista do momento na França, Alexis “Matz” Nolent, em duo com Steven “Mars” Marten. Seu protagonista é Emmet Gardner, um guarda de fronteira que trabalha ao largo do Rio Grande, nos EUA, e vê sua vida desmoronar ao descobrir a conexão de seu próprio filho, Kyle, com um cartel local. Pra livrar o rapaz do submundo, Emmet assume a tarefa de matar um criminoso, mas acaba alvejando alguém com quem não deveria mexer.